

A educação e os educadores do futuro

Eduardo Benzatti

Resumo

A educação do futuro depende dos caminhos que optarmos no presente. Os educadores devem colocar a questão fundamental: qual a educação queremos construir para as futuras gerações? A transformação da atual visão e concepção de educação passa pela transformação do paradigma - simplificador - dominante hoje. A educação é um dos seus produtos, ela é gerada e gera esse paradigma. O artigo apresenta, de forma resumida e comentada, a posição do filósofo e pensador da complexidade Edgar Morin. Nesses tempos sombrios devemos (re)ler *Os sete saberes necessários à educação do futuro* que nos incitam a refletir sobre o nosso papel de educadores.

Palavras-chave:

Educação do Futuro; Conhecimento Transdisciplinar; Teoria da Complexidade; Ética Planetária.

Abstract

The education of future depends on the paths that we choose in present time. The lecturers must take place the fundamental question: what the education we want building to the next generations? The changing of the actual vision and conception of education pass through the transformation of the model – simplistic – which domains nowadays. The education is one of his products, it's originated and origins this model. The article introduces, in resuming way and commented, the position of philosopher and thinker of complexity Edgar Morin. In this darkest times we must reading again *Os setes saberes necessários à educação do futuro* that incite us to reflect about our participation.

Keywords: Education of future; Transdisciplinary Knowledge; Complexity Theory; Planetary Ethic.

“(…) sendo todas as coisas causadas e causadoras, ajudadas ou ajudantes, mediatas e imediatas, e sustentando-se todas por um elo natural e insensível que une as mais distantes e as mais diferentes, considero ser impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, tampouco conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes”.

Blaise **Pascal** (1623-1662), *Pensamentos*.

“Quem educará os educadores?” Esta pergunta instigante é feita pelo filósofo alemão Karl **Marx** (1818-1883) em uma de suas teses sobre Feuerbach¹ e lembrada pelo pensador francês Edgar Morin em seu livro *Os sete saberes necessários à educação do futuro*.² Deixemos em suspenso a questão e vamos recuperar, em linhas gerais, o pensamento de Morin.

Este trabalha com a idéia de que o conhecimento - e suas *estratégicas cognitivas*, ou seja, as formas como operamos com o pensamento para mediar e apreender a realidade - deve ser constantemente *complexificado*, transformado em um conhecimento complexo. O que é isso? Vejamos: a realidade - todas as coisas, os seres e os fenômenos que nos cercam e com os quais agimos e retroagimos - é por natureza um fenômeno complexo, à medida que não podemos vivê-la de forma fragmentada, compartimentada. O real - e é bom lembrar que nossa vida está inserida nele - é constituído por intermináveis relações entre as partes que o constitui. Vamos pensar no ser humano. Vivemos inseridos numa rede de relações extremamente complexa. Somos - ou tentamos ser - o profissional bem sucedido, o bom pai ou a boa mãe, o filho dedicado, somos namorado ou namorada, marido ou mulher, amigo ou amiga e tantas outras possibilidades de existência, mas somos tudo isso **simultaneamente**, somos *tudo ao mesmo tempo agora*. No dia-a-dia vivemos nossa existência cumprindo - ou representando - todos esse papéis sociais juntos. Ninguém chega no local de trabalho e diz: “Bom, agora vou deixar de ser fulano de tal e passarei a ser somente o profissional tal”. A vida, e suas relações sociais, culturais, amorosas e profissionais é muita mais rica. Nós mesmos, embora sejamos únicos - nossa individualidade é irreduzível -, somos também múltiplos! Vale lembrar a frase do escritor mexicano Octávio Paz: “Cada indivíduo é único. Cada indivíduo se compõe de inúmeros indivíduos que ele não conhece”.

¹ Ludwig **Feuerbach** (1804-1872). Filósofo “materialista” alemão defendeu o ateísmo e influenciou os fundadores do marxismo. Mas foi criticado por negligenciar as bases materiais da sociedade (em especial, o processo de produção), privilegiando em suas análises sobre o desenvolvimento da humanidade, as diferentes formas de consciência religiosas. Acusado de idealista, Feuerbach não teria dado importância, segundo os marxistas, ao processo revolucionário de transformação social - a *práxis* revolucionária. Ver: MARX, Karl. “Teses sobre Feuerbach” In: *Os pensadores*. P. 49-53.

² MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000.

Mas voltemos as redes de relações. Quando analisamos mais profundamente um acontecimento constatamos que este é uma parte inserida num todo. No limite, tudo está ligado a tudo. A questão da violência é sempre um bom exemplo. A violência tem raízes sociais, culturais e até antropológicas, mas também é um problema relacionado aos aspectos econômicos e até mesmo psicológicos. Quando tratamos essa, e tantas outras questões, normalmente estamos condicionados a pensá-las por uma só perspectiva. Assim age o pensamento simplificador, e mais profundamente o **paradigma simplificador**, redutor e reducionista. O que transforma um problema tão complexo, numa questão simples. A violência (o todo) é reduzida a uma de suas partes, por exemplo, a da segurança pública. Dessa forma reduzida, segmentada, partida não reflete o real e torna-se impossível diagnosticá-la e tratá-la da forma devida. E isso serve para todas as questões e os problemas de nossa sociedade e mesmo do planeta.

Edgar Morin defende que diante de uma realidade complexa devemos pensar também de forma complexa. Etimologicamente, é bom lembrar, a palavra “complexo” vem originariamente de *complexus*, algo como *aquilo que é (ou está sendo) tecido junto*. Não podemos analisar, dialogar e trabalhar com situações tão ricas e tão dinâmicas utilizando esse pensamento simplificador que somente consegue pensar o mundo, os seres e as coisas de forma fragmentada e estanque. Em resumo, para compreendemos, analisarmos e interferirmos numa realidade por natureza complexa, onde um aspecto que a forma está ligado direto ou indiretamente a outro, não podemos continuar utilizando formas de pensar simplificadas e simplificadoras. Para dar conta de um mundo heterogêneo, diversificado em seus múltiplos aspectos, devemos utilizar formas também complexas de mediação e apreensão dessa realidade. Pensar o mundo, o real, os outros que nos cercam e as nossas vidas de forma complexa é o que propõe o *pensamento complexo*, instrumento necessário para um conhecimento também complexo.

Podemos agora voltar a pergunta de Marx. Morin acredita que quem educará no futuro os educadores será uma minoria de educadores, estimulados por esse *pensamento complexo* que irá reformar o pensamento dominante hoje -aquele reducionista - e regenerará o ensino - este também, em nossos dias, simplificador. O ensino hoje deixou de ser uma **missão**, no sentido mais amplo, nobre e generoso do termo, para ser, como diz Morin, uma **função** e uma **especialização** - aquilo que trata da parte, sem conseguir apreender o todo. Logo, mais um sintoma da forma redutora como tratamos o conhecimento nesse início de terceiro milênio:

Freud dizia que há três funções impossíveis por definição: educar, governar, psicanalisar. É que são mais que funções ou profissões. O caráter funcional do ensino leva a reduzir o professor ao funcionário. O caráter profissional do ensino leva a reduzir o professor ao especialista. O ensino deve voltar a ser não apenas uma função,

uma especialização, uma profissão, mas também uma tarefa de saúde pública: uma missão. Uma missão de transmissão. (MORIN, 2000, p. 101).

Devemos então nos preparar para essa missão. Essa tarefa passa por transformar nossos saberes, revisar prática pedagógicas redutoras do conhecimento, construir novas formas de cognição que permitam enfrentarmos as incertezas e as interrogações deste início de século e milênio. Devemos buscar saberes que nos instrumentalizem para que possamos responder às questões fundamentais referentes à ética, à cidadania, à solidariedade planetária e global do presente e do futuro. Nesta perspectiva, MORIN (2000) sugere sete saberes “fundamentais” para a educação do futuro, indicados à “toda sociedade e em toda cultura, sem exclusividade nem rejeição, segundo modelos e regras próprias a cada sociedade e a cada cultura”.³ São eles, de forma resumida e comentada:

1. *As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão*. O conhecimento humano comporta em si mesmo e de forma permanente a possibilidade do erro e da ilusão. Erros mentais, erros intelectuais, erros da razão, cegueiras paradigmáticas que nos impedem de distinguir o real do alucinatório, o objetivo do subjetivo, o sonho da vigília. Estamos a todo o momento expostos a erros de percepção ou de julgamento em relação à realidade exterior e em relação a nós mesmos. Nossa estrutura psíquica é dotada de mecanismos de autojustificativa que projetam nos outros nossos erros. A mentira para si próprio (*self-deception*) é, para Morin, inesgotável fonte de erros e de ilusões.

Tendemos a acreditar também que a ciência clássica - aquela que crê no conhecimento científico como fiel espelho da realidade - com seus paradigmas, princípios lógicos e teorias “irrefutáveis” garante a detecção desses erros e dessas ilusões. Porém, nem o conhecimento científico está imune ao erro. O determinismo e o mecanicismo que sobre a rubrica de “científico” dominam e impõem uma visão de mundo fundada na ordem - uma visão onde cosmo, universo, planeta, natureza e, por extensão, a sociedade e o ser humano seriam todos regidos por uma “ordem natural”, uma harmonia pré-escrita e predeterminada por “leis naturais” - não podem dar conta do inesperado, das *emergências* e do acaso do (e no) real, das brechas e fissuras da própria lógica - e de suas outras modalidades: alógica, pré-lógica, metalógica e a ilogia - e das incertezas do conhecimento. Encontramos no campo mesmo da cognição, teorias, conceitos e doutrinas que protegem seus erros com aparência intelectual, com a couraça da autoridade da ciência e sob a égide da “razão”. Vivemos regidos por uma Ciência e uma Razão que se nutrem de verdades, de leis, de ordens e de “certezas demais”.

³ Idem, 2000, p. 13.

A educação do futuro, cuja construção é uma tarefa que se inicia no presente, deverá estar consciente da possibilidade do erro nos processos do conhecimento e trabalhar para a elaboração de saberes capazes da **crítica** e da **autocrítica**, abertos, reflexivos e auto-reflexivos, eis o antídoto que permitirá a detecção e correção dos erros e das ilusões do conhecimento, que possibilitará a busca da verdade, em toda a sua complexidade, nos libertando do ceticismo imobilizador, e que nos ensinará a conviver com as idéias e não ser por elas possuídos. A educação do futuro nos preparará para enfrentarmos as incertezas e as cegueiras do conhecimento.

2. *Os princípios do conhecimento pertinente.* Em face da imensa massa de informações que nos chega pelos mais diversos canais de comunicação neste mundo globalizado, como sermos capazes de discernir quais são os problemas-chave, as informações-chave, os conceitos-mestres para que o conhecimento seja pertinente, ou seja, capaz de promover uma relação dialógica entre o particular e o geral, a parte e o todo? Hoje somos portadores e reprodutores de saberes desunidos e compartimentadores, fragmentados e fragmentadores, divididos e divisores que obedecem a um paradigma disjuntor e excludente que determina uma dupla visão do mundo falsamente antagônica em todos os seus aspectos: sujeito/objeto, corpo/alma, matéria/espírito, quantidade/qualidade, finalidade/causalidade, certeza/incerteza; razão/ilusão, determinismo/liberdade, real/imaginário, neguentropia/entropia, história/mito, racional/fé, profano/religioso, forma/substância, permanência/mudança, contínuo/descontínuo, sintético/analítico, analógico/digital, prosaico/poético, determinismo/acaso, verdadeiro/falso, concreto/abstrato, unidade/pluralidade, permanência/essência, autoritarismo/democracia, trabalho/lazer (*faber/ludens*), economia/desperdício, consciente/inconsciente, virtude/vício, fato/valor, bem/mal, particular/público, físico/psicológico, positivo/negativo, humanidade/animalidade, natureza/cultura, normal/patológico, *sapiens/demens*, regulado/descomedidos, civilizado/primitivo, ordem/desordem, ocidente/oriente, objetivo/subjetivo, significado/significante, *Thánatos/Eros*, enfim, ciência/filosofia e cultura científica/cultura das humanidades.⁴ Essas divisões estanques e não comunicáveis geradas por uma lógica binária - lógica que por sua vez é também gerada por essas divisões que gera - criam e sedimentam as esquizofrenias que se impõem como marcas da nossa civilização neste início de século. Contribuem para esse mal-estar coletivo. Mesmo a mais radical dessas cisões - me refiro a da vida/morte - não é verdadeira. Vivemos morrendo; morremos vivendo. Neste instante milhões de células estão se degenerando e outras milhares se multiplicando em nosso invólucro corpóreo. Neste instante, idéias que pareciam absolutas e incontestáveis estão

⁴ Para uma reflexão mais profunda sobre “O grande paradigma (aristotélico e cartesiano) do Ocidente” ver: MORIN, Edgar. “O pensamento dissimulado (paradigmatologia)” In: *O método 4. As idéias*. P. 258-295. E uma leitura instigante sobre a origem do Sapiens-Demens, a primeira das grandes cisões, ver: MORIN, Edgar. “Sapiens-Demens” In: *O enigma do homem*. P. 101-118.

padecendo e morrerão, outras, até então inadmissíveis, tomarão seus lugares. Assim é também com nossos amores, desejos e vontades: todos nascem, todos morrem. Deveremos, a partir do agora, conceber uma educação apta para lidar com realidades e problemas multidisciplinares, multidimensionais, transversais, globais, planetários, enfim complexos. Urge a construção de uma nova organização cognitiva que não opere mais na cisão e na ruptura das várias dimensões do real e nem na unicidade, mas sim que opere na dialógica e na simultaneidade entre essas dimensões.

A educação do futuro destronará essa razão instrumental que hoje impera, esse paradigma-mestre hipersimplificador, absolutista, manipulador, pragmático, empirista, linear, atomista, binário e contribuirá para a fundação de outro alicerçado na pluralidade. Como conseqüência, a educação do futuro deverá promover a “inteligência geral” que permitirá colocar e resolver problemas complexos e essenciais do (e no) processo de conhecimento. Quanto mais aptos para resolver problemas gerais, mais aptos também estaremos para resolver problemas particulares. Quanto mais trabalharmos para o desenvolvimento das habilidades gerais, mais estaremos trabalhando para o desenvolvimento das habilidades particulares. Não se trata de excluir uma das possibilidades, mas de integrá-las num processo dinâmico, dialógico e dialético. Não estamos tratando de contradições insuperáveis, mas de opostos complementares. O paradigma da disjunção, que comanda a ciência hoje, considera que tudo aquilo que desemboca na contradição é sintoma de erro, mas a contradição, e a tensão que ela gera, é possibilidade de compreender verdades mais dinâmicas e potencialmente mais completas. Estamos tentando resgatar a *racionalidade* que permite pensarmos o geral e o particular simultaneamente, em simbiose, em troca constante, ao contrário da *racionalização* - da redução da cosmovisão a uma parte do todo; da redução da razão à formalização -, construção mental que só percebe o particular eliminando o geral, ou vice-versa. Enquanto a racionalidade abre, a racionalização fecha. A educação do futuro formará o cidadão e o profissional apto a pensar e trabalhar com o todo - sendo este mais que a simples soma das partes, mas a integração das partes num todo, dinâmico, como já dissemos - e não com as partes isoladamente. Talvez possamos assistir, se não o desaparecimento, o encolhimento da figura do *especialista* como a conhecemos hoje, ou seja, aquele que sabe pouco do muito e muito do pouco. Profissional que reflete, por um lado a evolução tecno-científica da sociedade contemporânea e, por outro a opção pelo paradigma simplificador - no campo do trabalho social, a especialização e a hiperespecialização encontram suas facetas nas figuras dos *experts* e dos tecnocratas. Não se trata de verificarmos se a inteligência humana pode ou não abarcar todo o conhecimento disponível. Nem seríamos ingênuos para propor essa missão intelectualmente hercúlea. Mas de criarmos as condições de um desenvolvimento intelectual alicerçado em *estratégias cognitivas* que permitam **ampliar incessantemente** nossa capacidade de conhecimento, nossas *múltiplas inteligências*,

destruindo as barreiras que nos impedem de pensar o todo em relação às partes. O conhecimento é como um jogo de ligar os pontos (as partes) onde tudo está relacionado. A especialização, como a concebemos agora, desvitaliza o pensamento e retira dele seu movimento de conjunção dos opostos, no caso o infinitamente pouco e o infinitamente muito de qualquer área do conhecimento.

Dentre essas estratégias e atividades cognitivas podemos pensar naquelas que resgatem a **criatividade**, essa capacidade humana que tem sido destruída pelo ensino atual. Em relação a esse ponto afirma Morin:

A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e a adolescência, que com frequência a instrução extingue e que, ao contrário se trata de estimular ou, caso esteja adormecida, de despertar. (MORIN, 2000, p. 39).

Devemos novamente estimular espíritos e mentes à aventura do conhecimento.

3. *Ensinar a condição humana.* Devemos enquanto seres humanos reconhecer nossa humanidade comum e simultaneamente nossa diversidade cultural. Traços da espécie nos unem todos, diferenças históricas e culturais nos diferenciam. A humanidade é una e diversa. Fazemos parte não só do planeta, que deve ser protegido e conservado para nós e para as futuras gerações, mas do Cosmo. Cosmo: o maior dos sistemas auto-organizador e auto-regenerador, formado de ordens e desordens incessantes. Somos feitos da mesma substância das estrelas e dos planetas, de átomos de carbono. Nosso destino está irremediavelmente ligado ao destino da terra e do universo. Somos indivíduo/sociedade/espécie, somos razão/afeto/pulsão e somos também cérebro/mente/cultura, somos três relações triádicas simultaneamente.

Numa educação do futuro, nossa condição cósmica, terrestre, física - biológica e psicológica -, social e humana, com tudo de complexo, diversificado e turbulento que isso significa, não pode ser esquecida. A unidade da espécie humana e a diversidade das culturas são duas dimensões inseparáveis do humano. A educação do futuro deverá conscientizar as novas gerações do nosso duplo imperativo antropológico: conservar a unidade e a diversidade humana. A educação do futuro deverá também conscientizar aqueles que virão da nossa condição como cidadãos do mundo e do nosso destino em comum - individual, social e global. Assim, para MORIN (2000) será constituído um dos principais núcleos formativos da educação no futuro: o estudo da

complexidade humana. “A educação deverá ilustrar este princípio de *unidade/diversidade* em todas as esferas”.⁵ Assim, poderemos **avancar em complexidade**.

4. *Ensinar a identidade terrena*. As recentes teorias científicas indicam que a grande explosão inicial do tudo teria acontecido por volta de quinze bilhões de anos! A partir dela foi criado o Cosmo. A aventura do homem - o processo de hominação que nos diferenciou dos outros antropóides -, por sua vez, é datada de aproximadamente cinco bilhões de anos. O *Homo sapiens* pode ter surgido há cem mil anos, e as civilizações históricas, há dez mil anos. Somente agora entramos no terceiro milênio da eracristã. Nossa história de vida no planeta é recente e começa por uma diáspora. O homem se espalhou de um continente, o africano, para todos os outros e essa dispersão, embora responsável pela diversidade das culturas, das línguas e das religiões não produziu nenhuma **visão** genética. Somos todos originários da mesma espécie, possuímos as mesmas características fundamentalmente humanas. As conquistas da modernidade possibilitaram, através das revoluções tecnológicas, relacionarmos e religarmos novamente o que estava disperso. Nossa rica herança cultural pôde então ser conhecida na sua amplitude e coligida. A globalização e a mundialização é unificadora, mas também pode ser - e devemos estar atentos para evitar que seja - conflituosa, se for imposta como processo homogeneizador das diferenças, sejam elas culturais, étnicas, religiosas, sociais, políticas e econômicas. A educação do futuro deverá ampliar os aspectos do processo inevitável e desejável de globalização, hoje calcado essencialmente no desenvolvimento econômico - visão unidimensional e mutilante: globalização tecnoeconômica -, e introduzir uma noção mundial mais poderosa: o desenvolvimento de nossas faculdades afetivas, morais e intelectuais em escala terrestre. Deveremos despertar e cultivar nas futuras gerações um sentimento de desvelo e pertencimento à terra. A terra como a casa comum de todos, como nossa primeira e última pátria: a Terra-Pátria⁶. Terra: mãe e morada de toda a humanidade. Certamente esse movimento, e a tomada de uma nova consciência, já se iniciou e como todo movimento desviante do paradigma central e centralizador é ainda marginal, pontual e, de certa forma, fraco face às forças que provoca e enfrenta. Refiro-me ao movimento que engloba a consciência e a ação ecológica, a consciência e a ação em defesa dos direitos humanos, as ações em defesa dos direitos das minorias étnicas, culturais e sexuais e outros de visibilidade ainda pequena - podemos citar, por exemplo, os grupos de internautas e usuários das novas tecnologias no campo da informação e da comunicação que lutam pela democratização dos programas de computadores e pela ampliação do

⁵ MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000.

⁶ Essa idéia de pertencimento a uma pátria planetária está aprofundada em outro livro de Edgar Morin escrito a quatro mãos com a crítica de literatura e de ciências, Anne Brigitte Kern. Ver: MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. *Terra-Pátria*. Porto Alegre: Sulina, 2000.

acesso ao ciberespaço. Mas através dos abalos, dos desgastes, das frestas, das erosões e corrosões e das crises do paradigma reinante, esse movimento e suas idéias, teorias e opiniões desviantes, encontra canais de disseminação, campo propício para fecundação e desdobramentos em novas atitudes.

Essas ações, que encontram violentas reações orquestradas pelo paradigma dominante - são taxadas de imbecis, delirantes, absurdas e anticapitalistas -, servem e servirão para estimular um sentimento de compreensão e solidariedade local e planetária. Não podemos esquecer que o processo de globalização, alicerçado pelo desenvolvimento tecno-científico, em especial das áreas da comunicação e da computação, trouxe também consigo problemas em escala mundial: a disseminação de vírus biológicos e virtuais, tráfico de drogas cada vez mais poderosas, tráfico de órgãos humanos, tráfico de mulheres para redes de prostituição transnacionais, tráfico de armas para conflitos locais, prostituição infantil, lavagem de dinheiro, transferência de bilhões de dólares de uma economia para outra da noite para o dia, emissão de gases poluentes em quantidade assustadora que destrói a proteção natural contra os raios solares nocivos aos humanos, falsificação de remédios e outros produtos que colocam em risco nossa saúde e nossa vida, terrorismo político e religioso, intensificação de conflitos étnicos e religiosos, produção de dejetos químicos e atômicos em velocidade nunca vista, produção de lixo e sobras de uma economia baseada numa ideologia consumista desenfreada que destrói nossas fontes de recursos naturais vitais para a continuidade da espécie (particularmente nossas reservas finitas de água doce potável; dos espaços depredados pela produção incessante de matéria-prima e insumos para atender essa espantosa demanda; além daquelas áreas destinadas ao depósito dessas sobras que poderiam ser utilizadas para a produção de alimentos), a polêmica produção de alimentos geneticamente modificados, os transgênicos, sem falar nas questões éticas e religiosas que envolvem a discussão sobre a clonagem humana. Neste quadro, Morin propõe que a educação do futuro ensine uma *ética da compreensão planetária*. E continua, afirmando que demoramos muito tempo para percebermos nossa identidade terrena, mas, citando G. W. Friedrich **Hegel** (1770-1831), ainda demonstra sua esperança na construção de um novo tempo: “Acoruja da sabedoria sempre empreende seu vôo ao entardecer”.

5. *Enfrentar as incertezas*. A história do universo e a história do Homem nos ensinam que o caminho é calçado não somente de certezas, ordens, determinismos, evoluções, progressos, mas que comporta também, na mesma medida, incertezas, desordens, acasos, involuções e regressões. A história, e por extensão nossa vida, não é linear, mas um complexo de ordens, desordens, organizações e desorganizações. Conhece desvios, atalhos, êxtases, momentos de latência pré-violentos, momentos de violência desmedida, tormentas, agitações, sobressaltos, turbilhões, caos e

barbárie. Toda nova organização é fruto de desorganizações e reorganizações - ordem/desordem/reorganização/nova ordem/nova desordem/... Os impérios nascem e inevitavelmente morrem. Foi assim com o Império Romano, o Império Otomano, o Império Austro-húngaro e mais recentemente o Império Soviético. O século XX demonstrou a impossibilidade total de predição do futuro e introduziu vitalmente, ainda que de forma marginal, *o princípio da incerteza* - princípio da Física que transmigrou para outras áreas do conhecimento, segundo o qual os átomos são constituídos de partículas/ondas subatômicas que são **simultaneamente** luz e massa. As teorias da Relatividade (Einstein) e, mais radicalmente, as da Física Quântica (Heisenberg) reforçam no coração da problemática do conhecimento sobre o universo os princípios de relatividade e incerteza da realidade e do conhecimento. A educação do futuro deverá considerar *o princípio da incerteza* como válido para todo o conhecimento e se voltar para as incertezas que povoam o universo epistemológico: *incerteza cérebro-mental, incerteza lógica, incerteza racional e incerteza psicológica*. Morin apresenta uma imagem que demonstra a relação entre as certezas e incertezas que dão sentido ao real: estamos navegando num oceano de incertezas no qual podemos encontrar pequenas ilhas de certezas.

Para MORIN (2000): “O surgimento do novo não pode ser previsto, senão não seria novo. O surgimento de uma criação não pode ser conhecido por antecipação, senão não haveria criação”.⁷ O autor ainda diz ser o futuro o reino das incertezas, mas incertezas que constituem também o presente, uma vez que cada uma de nossas ações desencadeia outras tantas imprevisíveis. O que denomina de *ecologia da ação*. Toda ação que empreendemos tem desdobramentos que escapam ao nosso controle. Previsto e imprevisível, determinação e acaso, esperado e inesperado, retas e desvios se mesclam numa interação complexa que nos impede de predizer o resultado final. A educação do futuro ensinará que toda a ação é um jogo de *inter-retro-ações* entre o sujeito e o contexto, o sujeito e outros sujeitos, assim como ensinará que para jogarmos esse jogo, com suas probabilidades e improbabilidades, deveremos desenvolver habilidades cognitivas que possibilitem um pensamento criador de *estratégias*. Devemos renunciar ao programa fechado e privilegiar a estratégia que analisa as condições de cada situação e possibilita a flexibilidade para mudanças e correções de curso durante as ações empreendidas. A estratégia considera as mudanças de contexto, os imprevistos, as mudanças de objetivos a curto, médio e longo prazo e, se necessário, até a destruição da própria ação quando essa se mostrar perigosa nos seus desdobramentos.

6. *Ensinar a compreensão*. Eis, para Morin, **a missão espiritual** da educação. Vivemos um terrível paradoxo: no momento histórico em que o mundo mais se comunica - redes, fax, telefone celular e

⁷ MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000. P. 81.

via satélite, *modem*, internet, canal a cabo e via satélite -, menos nos compreendemos. A comunicação não implica necessariamente compreensão. A educação do futuro deverá ensinar a compreensão mútua como condição e garantia da solidariedade humana. Estimular a compreensão intelectual ou objetiva - apreender intelectualmente em conjunto, abraçar juntos as partes e o todo - e a compreensão humana intersubjetiva - que envolve a empatia, a identificação e a proteção do outro, que é também sujeito e humano.

A incompreensão, que é sentimento corrente hoje em todas as sociedades, tem suas raízes que vão do mal-entendido ou o não entendido - “ruídos” na comunicação - de uma informação, passando pela ignorância dos ritos e costumes de outras culturas, dos códigos de ética e dos valores, das visões e concepções de mundo - cosmovisões incompatíveis -, das opções políticas de outras sociedades até pela total impossibilidade de entendimento de uma estrutura mental diferente. Os sentimentos e as posições contrárias à compreensão são, dentre outras: o egoísmo e o egocentrismo, o etnocentrismo e sociocentrismo, o espírito frio e redutor - que reduz, no caso dos seres humanos, o indivíduo a um de seus comportamentos, a uma de suas qualidades ou a um de seus defeitos: o ladrão é só ladrão, o pobre é só pobre, etc - e o paradigma simplificador - que comanda o pensamento, a lógica, o discurso, os conceitos, o raciocínio, o pensamento e os princípios de disjunção e redução que destroem as totalidades complexas -, do qual já nos ocupamos acima. A compreensão requer a consciência do ser humano como um ser infinitamente complexo. A educação do futuro deverá reformar o pensamento dominante que opera por fechamento, simplificação, isolamento e introduzir o pensamento e o entendimento que trabalha na (e através da) complexidade.

A educação do futuro deverá ensinar a ética da compreensão. Essa ética apregoa o compreender de modo desinteressado e mais ainda, que se possa compreender a própria incompreensão. Deveremos estimular o auto-exame permanente de nossas atitudes, de nossos pensamentos e de nossos julgamentos. Sendo insuficientes e incompletos não podemos ser o juiz de todos e de tudo. Necessitamos nos compreendemos mutuamente, compreendendo nossos limites e possibilidades. A partir destes, compreenderemos melhor nossas potencialidades. A ética da compreensão requer uma abertura simpática ao outro, não somente ao próximo, mas ao distante. A ética da compreensão requer tolerância para as idéias e convicções diferentes das nossas. Essa ética é fundamentada na convicção, na fé e na aceitação radical do diferente. Sua possibilidade de efetivação está ligada ao nosso poder de ouvir, de entender e de se comunicar com o outro. Porém podemos tolerar idéias e atitudes contrárias às nossas, mas devemos combater os insultos, as agressões ao ser humano e ao ambiente que nos acolhe e os atos homicidas.

A compreensão e uma ética nela baseada exige a existência de sociedades democráticas. O atual processo de mundialização deve estimular o estabelecimento da vida democrática em todos os quadrantes da terra. As crises sociais e a crise civilizacional que ameaçam nosso presente e nosso futuro devem ser superadas. A democracia deve ser um valor mundial, pois é um valor humano e uma cara conquista da humanidade. Daí a necessidade da educação do futuro assumir um compromisso total com o espírito democrático e aberto. Essa é a condição *sine qua non* para que a compreensão entre os indivíduos, os povos e as culturas possa germinar.

7. *A ética do gênero humano.* Retomemos a tríade já apresentada acima: *indivíduo/sociedade/espécie*. Devemos conceber cada uma dessas esferas como inseparáveis e co-produtoras uma das outras. Existe entre elas uma relação dialógica complexa: devemos considerá-las simultaneamente em complementariedade e concorrência. A ética do gênero humano (*antropo-ética*) deverá perpassar toda essa cadeia complexa responsável pela nossa essência humana. A antropo-ética implica: *assumir a consciência e a condição humana, assumir o destino humano como incerto, trabalhar para a humanização da humanidade, alcançar a unidade na diversidade planetária, respeitar o outro na sua plenitude e humanidade, desenvolver a ética da solidariedade, da compreensão e do gênero humano.*

A ética do gênero humano exige o dever ético de ensinar os princípios democráticos da liberdade individual - de expressão, de opinião, de locomoção, etc -, da responsabilidade dos atos, do respeito à diversidade e ao antagonismo, do consenso - não a **ditadura da maioria**, mas sim a aceitação de uma posição vencedora e provisória que não elimine a minoria - que nasce do conflito de idéias, posições e pensamentos, da aceitação das pluralidades, concorrências e antagonismos. A construção da democracia é uma obra permanente que nunca poderá ser concluída. É um processo que envolve avanços e regressões. Regenerar a democracia é tarefa também da educação que virá.

A ética do gênero humano resgatará a Humanidade como condição real, como realidade vital, como algo próximo. A Humanidade deixará de ser conceito abstrato, ideal e distante. A Humanidade será algo vivo nos corações e nas mentes dos homens e das mulheres.

Esses são os sete saberes necessários a uma educação do futuro que Morin apresenta como proposta neste início de século XXI. Em suas conferências sobre o tema, Morin sugere que as universidades devessem dedicar 10% de seus orçamentos (*dizimo epistemológico*) para financiarem a reflexão sobre a real pertinência e valor do que ensinam, do conhecimento que propagam. Talvez dessa maneira poderíamos melhor, e de fato, questionar constantemente nossos

hábitos, nossas práticas educacionais - dentre elas, a formação de professores -, nossas atitudes enquanto educadores e mesmo o conhecimento que veiculamos ou julgamos ensinar

A reforma do pensamento e do entendimento somente acontecerá quando reformarmos os nossos pensamentos, o nosso entendimento sobre o real, nossas vidas e o próprio conhecimento. Nos parece que o paradigma dominante (clássico e ocidental) continua e continuará por muito tempo reinando absoluto. Respondendo a questão sobre a possibilidade do atual paradigma, que comanda, e é comandado, pelo conhecimento científico, empírico, teórico e lógico, estar em crise, Morin afirma:

Fala-se de interdisciplinaridade, mas por toda a parte o princípio da disjunção continua a separar às cegas. Aqui e ali, começa-se a ver que o divórcio entre cultura humanista e a cultura científica é desastroso para ambas, mas os que se esforçam para estabelecer a ponte entre elas continuam a ser marginalizados e ridicularizados. (MORIN, 2001, p. 288).

Acredito que cabe aos educadores, e em especial aos educadores que formarão os educadores do futuro, refletirem sobre essas idéias. É um bom começo daquilo que virá.

Bibliografia

MARX, Karl. *Os pensadores*. Tradução de José Arthur Giannotti. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000. Título original: Les sept savoirs nécessaires à l'éducation du futur.

_____. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. Título original: La tête bien faite.

_____. *O enigma do homem*. Lisboa: Edições 70, 1979.

_____. *O método 4. As idéias*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2001. Título original: La Méthode, (t.4), Les idées, leur habitat, leur vie, leurs moeurs, leur organisation.

_____; KERN, Anne Brigitte. *Terra-Pátria*. Tradução de Paulo Azevedo Neves da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2000. Título original: Terre-Patrie.

